

VISÃO DO CORREIO

É necessário surfar a onda

Sempre que chegam os Jogos Olímpicos, o coração do brasileiro se enche de expectativa para logo ver o hastear da bandeira verde-amarela ao som do hino nacional — sinônimo de conquista de medalha na maior competição esportiva do mundo. Na última edição, em Paris, foram 20 conquistas, número somente superado em Tóquio, onde o país faturou 21 condecorações. O noticiário esportivo do último fim de semana chama a atenção para um novo nome. Trata-se do carioca João Fonseca, promessa do tênis internacional. Aos 18 anos, o carioca venceu seu primeiro torneio da ATP (a Associação dos Tenistas Profissionais) em Buenos Aires, no domingo, o que lhe rendeu pontuação suficiente para entrar no top-70 do ranking de simples masculino.

O surgimento de novos talentos individuais no esporte brasileiro prepara o terreno para uma ampliação do desempenho verde-amarelo em edições internacionais. A partir de nomes como Rebeca Andrade (ginástica olímpica), Caio Bonfim (marcha atlética) e Isaquias Queiroz (canoagem), o país encontra oportunidade para alavancar seu nome em modalidades nas quais, historicamente, nunca conquistou medalhas olímpicas. Exponentes que precisam ser combustível para inspirar crianças e jovens — a partir do necessário investimento público e privado no setor.

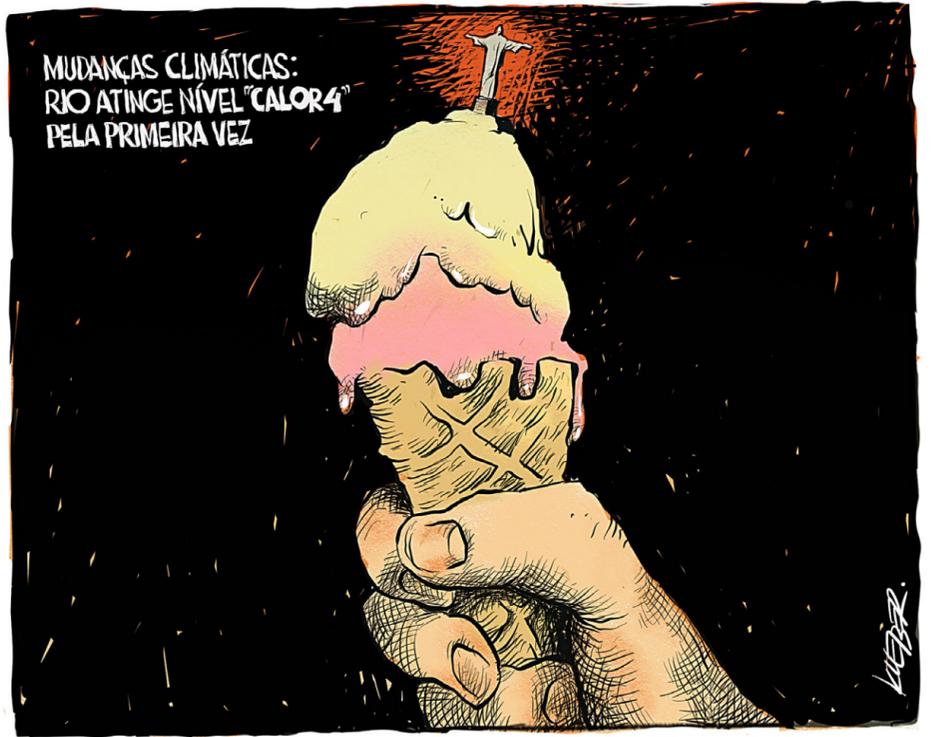
Entre o primeiro título de João Fonseca e a aposentadoria de Gustavo Kuerten, o principal tenista da história brasileira, somam-se 17 anos. A maneira como o país não soube surfar a onda do tricampeonato de Guga em Roland Garros (o Aberto da

França, um dos maiores da modalidade) deve ser exemplo do que não fazer com o futuro da ginástica de Rebeca Andrade, do skate de Rayssa Leal e da canoagem de Isaquias Queiroz.

Em outras palavras, a revelação de atletas de altíssimo potencial não pode ser obra apenas do talento individual, mas uma consequência de um trabalho de base robusto e de qualidade, capaz de dar ao país predominância no maior número de modalidades possível. Se o legado de Guga não foi bem trabalhado no tênis, os de Rebeca Andrade, Isaquias Queiroz e Rayssa Leal — para citar apenas nomes de amplo conhecimento da torcida — precisam ser tratados como sementes a serem germinadas na juventude brasileira.

Nesse sentido, a valorização do Bolsa Atleta — programa do governo federal que financia carreiras desportivas de alto rendimento — se faz necessária. A iniciativa recebeu R\$ 160 milhões em 2024, o que significou um recorde de cerca de 9 mil atletas. Houve um reajuste de 32% em relação a 2023. Um acerto da atual gestão, mas que só aconteceu após quase duas décadas de estagnação da política pública, que recebia, até então, o mesmo patamar de incentivo desde sua criação em 2005.

Na delegação brasileira em Paris, 87,3% dos esportistas receberam recursos do programa. No boxe, por exemplo, todos os 10 classificados estavam na categoria mais alta da iniciativa, que paga entre R\$ 5,5 mil e R\$ 16,6 mil ao beneficiado por mês. O Brasil precisa olhar para o esporte com seriedade e investir não só em carreiras já consolidadas, mas se antecipar para identificar talentos desde os seus primeiros passos.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Cinema

Em clima de Copa do Mundo desde a indicação de *Ainda estou aqui* em três categorias do Oscar, os brasileiros estão organizando festas com decoração ambientada nos personagens do filme de Walter Salles. Além de organizarem bailinhos sobre o filme, os moradores do DF estão frequentando mais as salas de cinemas. A tendência é de que mais pessoas corram para assistir à história sobre a família de Rubens Paiva. O Cine Brasília vai exibir, até 5 de março, 19 filmes indicados ao Oscar 2025. Nas segundas-feiras, os ingressos têm preço único de R\$ 5. A pergunta que não quer calar: por que os outros cinemas não voltam com a promoção de R\$ 10 para todos os filmes do Oscar?

» **Rosa Costa**

Asa Sul

Detran

Adormeci. Sonhei que estava no trânsito, que havia eventos na capital federal, e o Detran/DF colocava painéis eletrônicos na rua, informando com antecedência que determinado trecho do Eixo Monumental estaria fechado. No sonho, eu pude desviar meu trajeto e me programar para sair mais cedo, não me atrasar e não enfrentar trânsito. Os agentes de trânsito organizavam o tráfego ainda cedo, antes do horário de pico. Acordei. Peguei engarrafamento, cheguei atrasado e soube no meio do caminho, já rodeado por veículos, que parte do Eixo Monumental estava bloqueada. Desviar a rota não era mais uma opção prévia, mas uma obrigação instantânea. Não havia painéis eletrônicos informando o bloqueio. Apenas um, já em cima da entrada do Eixo, e uma notinha no jornal. Acordei, pois exigir organização do Detran/DF é apenas um sonho.

» **Ricardo Santoro**

Lago Sul

Cacá Diegues

É possível falar sobre espiritualidade com espiritualidade. Em *Deus é brasileiro* (2003), filme dirigido por Cacá Diegues (1940-2025), temos um enredo superdivertido sobre os mistérios da vida e as contradições do humano. Na história, o divino, longe de ser autossuficiente e supremo juízo (acima do bem e do mal), precisa dos humanos para cuidar das coisas aqui na Terra. Querendo tirar um descanso, o Criador do Universo vai à procura de um santo, no Brasil, para substituí-lo. Escolhe um indígena que, ateu, não aceita a proposta. Como vimos, a tolerância religiosa é bem-vinda e desejável, assim como o livre-arbítrio pode ser considerado a maior invenção ética já registrada em nossa história. No filme de Cacá Diegues, Deus não faz milagre, como se espera. “Faz mágica”. Surpreende. Dá nó em pingo d’água tudo o que é bom e que move o sagrado.

» **Marcos Fabrício Lopes da Silva**

Asa Norte



PALOMA OLIVETO

paloma.oliveto@cbpress.com.br

Dedo verde sujo de petróleo

Quando o assunto é meio ambiente e mudanças climáticas, o Brasil é um ótimo passador de pito global. Ainda mais agora, que será anfitrião da 30ª Conferência do Clima (COP30), em novembro, o país está mais afiado do que nunca quando aponta o dedo verde aos grandes produtores mundiais de combustíveis fósseis.

Como a ciência já explicou algumas milhares de vezes, diversos fatores contribuem para o aumento anormal da temperatura do planeta. A queima de combustível fóssil — gás natural, carvão e petróleo — é o principal deles.

Depois do vexame de um governo negacionista, o atual reconheceu as evidências científicas sobre mudanças climáticas e prometeu se pautar em provas inequívocas para planejar o desenvolvimento econômico do país. Em 2023, na última COP em que esteve pessoalmente, o presidente Lula foi cirúrgico: “O mundo já está convencido do potencial das energias renováveis. É hora de enfrentar o debate sobre o ritmo lento da descarbonização do planeta e trabalhar por uma economia menos dependente de combustíveis fósseis”.

Agora, em plena onda de calor que levou uma sensação térmica de 62,3°C ao Rio de Janeiro, o presidente parece ter se esquecido do próprio discurso. Ontem, posou, sorridente, ao anunciar a adesão brasileira à Carta de Cooperação entre Países Produtores de Petróleo (CoC), um fórum de discussão ligado à Organização dos Países Produtores de Petróleo (Opep).

Constrangendo a ministra do Meio Ambiente e Mudança do Clima, Marina Silva, Lula acusa o Ibama (autarquia vinculada a Marina) de fazer “lenga-lenga” na avaliação de licenciamento de petróleo na Amazônia. Disse “ter certeza” de que a ministra, uma ambientalista

internacionalmente reconhecida por sua luta pela conservação da Floresta Amazônica, “jamais será contra” a exploração de combustível fóssil no Rio Amazonas.

O mesmo Lula que, na reunião do G20, disse que a “Amazônia continuará ameaçada se o resto do mundo não cumprir a missão de conter o aquecimento global”, quer investir mais de US\$ 3 bilhões em poços que prometem reservas de 10 bilhões de barris de petróleo. Mesmo que a exploração da margem equatorial não fosse diametralmente oposta à postura oficial do Brasil sobre mudanças climáticas, ainda resta dúvida se é economicamente viável.

Há pouco tempo, entrevistei Carlos Eduardo Young, titular do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde coordena o Grupo de Economia do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. O professor lembrou que o alto custo de investimento resultará em um petróleo mais caro, e isso, provavelmente, não antes de 2035, quando, segundo o Acordo de Paris, os cortes nas emissões de CO2 terão de ser mais drásticos, especialmente considerando que os Estados Unidos não farão mais parte do tratado. “O risco de uma crise financeira causada pela depreciação do petróleo será grande”, acredita.

Enquanto a União Europeia prepara-se para, em breve, substituir toda a frota de veículos por carros elétricos e a China trabalha para reduzir em um terço as emissões até 2035, o Brasil anda para trás. Agora só falta o presidente Lula, que já aderiu à moda do boné de Donald Trump, mandar gravar no acessório a frase de campanha do colega norte-americano — “*Drill, baby, drill!*”. Perfure poços, baby, perfure.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
------------	---------	-----

DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00
-------	----------	----------

Assine
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99996.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anúncio

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp

Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoal para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br